

"ESTENDE A TUA MÃO AO POBRE", PEDE PAPA FRANCISCO
PÁG. 11

AJUDA HUMANITÁRIA NA TRÍPLICE FRONTEIRA
PÁG. 21

PAAM CELEBRA SEMANA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE
PÁG. 26

Emcompanhia

INFORMATIVO DOS JESUÍTAS DO BRASIL

EDIÇÃO 66
ANO 7
JUNHO 2020



ENTRE NÓS ESTÃO E NÃO OS CONHECEMOS

Milhões de pessoas se deslocam de maneira forçada na busca por melhores condições de vida

ESPECIAL PÁG. 12





NA PAZ DO SENHOR

PE. JOÃO SEBALDO SCHUCK, *SJ*

Por Pe. Carlos Henrique Müller, *SJ*

Padre João Sebaldo Schuck nasceu em Santa Cruz do Sul (RS), em 25 de maio de 1933, filho de Carlos Edmundo Schuck e Margaretta Schuck.

Ingressou na Companhia de Jesus em 28 de fevereiro de 1957, em Pareci Novo (RS), depois de concluir os estudos secundários no Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul (RS). Em 8 de março de 1959, emitiu os primeiros votos.

Estudou filosofia no Colégio Máximo Cristo Rei, em São Leopoldo (RS). De 1963 a 1966, padre Sebaldo fez estudos especiais em matemática, durante o magistério na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre (RS). De 1967 a 1970, voltou ao Colégio Máximo Cristo Rei para estudar teologia e dar continuidade à formação para o sacerdócio.

Em 27 de dezembro de 1969, pela imposição das mãos de Dom Alberto Etges, bispo de Santa Cruz do Sul, João Sebaldo Schuck foi ordenado presbítero.

A etapa da terceira provação, entre 1975 e 1976, foi vivida sob a instrução do Pe. Luciano Mendes de Almeida e com o Pe. Benno Brod. Em 8 de maio de 1977, o Pe. Sebaldo Schuck emitiu os últimos votos na Capela Cristo Rei, do Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo.

Após concluir os estudos de teologia, Pe. Sebaldo foi enviado ao Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul, onde, durante um ano, foi professor, confessor e também colaborador na Paróquia de São Pedro.

Em 1972, o jesuíta ingressou na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), no Rio de Janeiro (RJ), onde se especializou na área de informática.

De 1976 a 2000, Pe. Sebaldo morou na Comunidade Conceição, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Durante esse tempo, trabalhou como coordenador do curso Técnico Superior em Processamento de Dados, como reitor comunitário e como ecônomo da casa e consultor.

Em 2000, o religioso recebeu a missão de cuidar dos jesuítas enfermos e idosos na Comunidade de Saúde e Bem-Estar São José, em São Leopoldo, assumindo o cargo de diretor até o ano de 2006. Durante esse tempo, trabalhou, também, na Unisinos no setor de compras e contratos.

Em Salvador do Sul, de 2007 a 2015, foi Superior da Comunidade e colaborou na administração de bens e nos retiros.

Padre Sebaldo faleceu em 12 de junho de 2020, na Comunidade de Saúde e Bem-Estar São José, em São Leopoldo, onde residia desde 2016, orando pela Igreja e pela Companhia de Jesus.

Padre Peter-Hans Kolvenbach, em sua carta de jubileu de ouro de vida religiosa, ressaltou que Pe. João Sebaldo era muito simples e discreto. Tinha uma forma de atenção simples às pessoas com as quais estabelecia relações próximas, de compreensão e de afeto, era disponível, fiel e abnegado na administração dos bens.

> *“PE. JOÃO SEBALDO ERA MUITO SIMPLES E DISCRETO. TINHA UMA FORMA DE ATENÇÃO SIMPLES ÀS PESSOAS COM AS QUAIS ESTABELECIA RELAÇÕES PRÓXIMAS, DE COMPREENSÃO E DE AFETO, ERA DISPONÍVEL, FIEL E ABNEGADO NA ADMINISTRAÇÃO DOS BENS.”*
>
> **Padre Peter-Hans Kolvenbach, *SJ***

AMAZONIZAR É NECESSÁRIO E URGENTE

Unida pelo desejo comum de sensibilizar, informar e mobilizar a sociedade em defesa da Amazônia, a Província dos Jesuítas do Brasil, por meio das obras e serviços da Preferência Apostólica Amazônia (PAAM), realizou, de 1 a 5 de junho, uma série de ações educativas em sintonia com a Semana Mundial do Meio Ambiente.

O tema escolhido para nortear essas atividades foi *Amazonizar é necessário e urgente*. De acordo com a assessora da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), Márcia Oliveira, o termo "amazonizar" aparece em documentos oficiais da Igreja da Amazônia desde 1970 e é uma convocatória para todo o povo de Deus assumir as causas e a defesa dos povos e do bioma numa relação de convivência, de cuidado e de proteção. Com base nesse entendimento e ao considerar a conjuntura de acontecimentos, como os impactos do desmonte das políticas socioambientais que violam os direitos da natureza e de seus povos, é unânime entre as obras e os serviços da PAAM a necessidade de visibilizar a Amazônia.

A proposta da Semana do Meio Ambiente foi construída em conjunto com o Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental (SARES), o Centro Alternativo de Cultura (CAC), a Fundação Fé e Alegria do Amazonas, a Equipe Itinerante, a Equipe Indigenista e as Pastorais Sociais da Arquidiocese de Santarém. Devido à pandemia do novo coronavírus, a programação deste ano foi adaptada para o ambiente virtual (*podcasts*, vídeos e lives), incentivando a participação de crianças e de famílias.

Durante os cinco dias, conteúdos que envolveram personalidades públicas do cenário judicial, cultural e acadêmico



Vanda Witoto

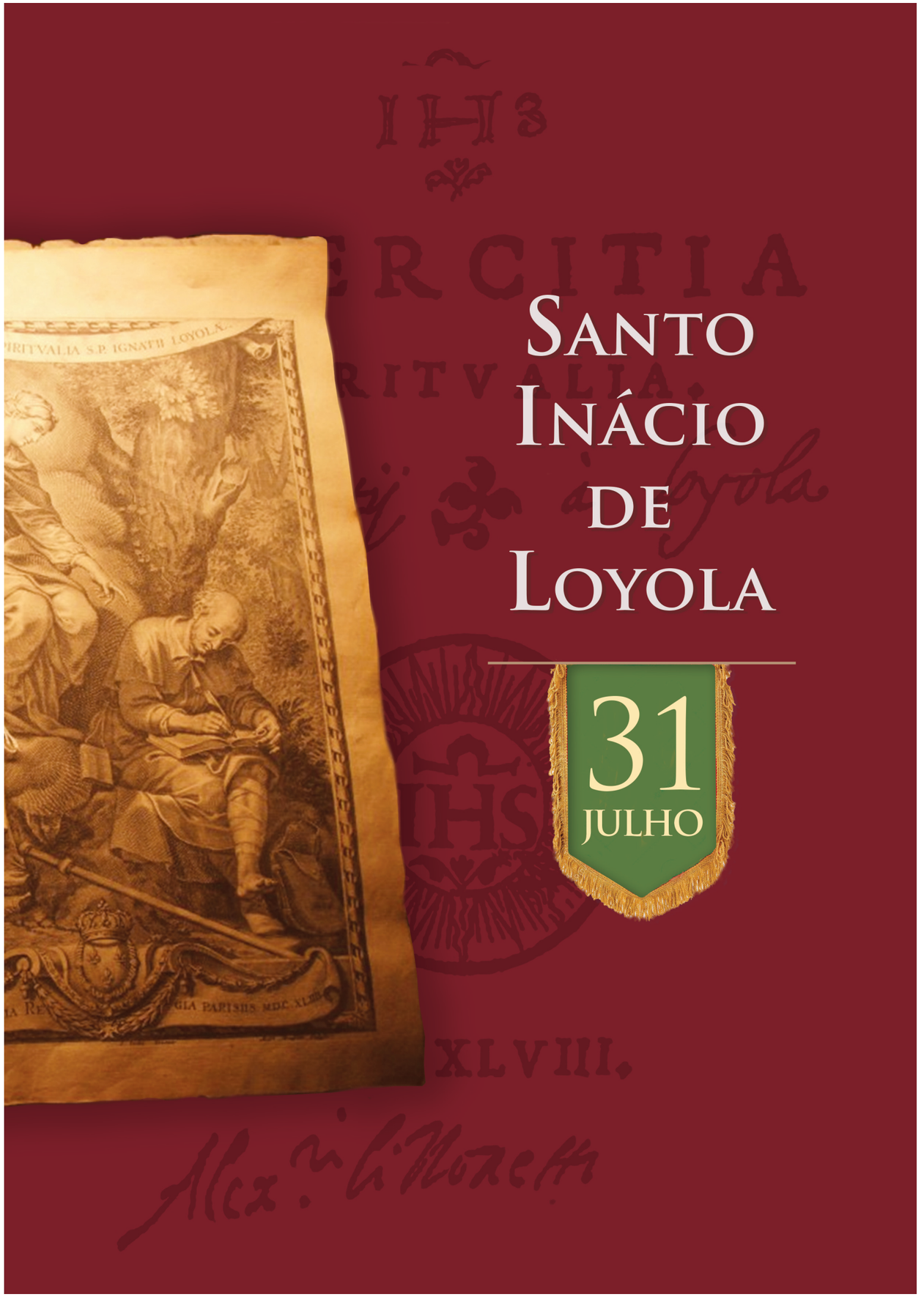
foram divulgados nas redes sociais. Entre elas, Jaiza Fraxe, a juíza federal que ajuizou ações fundamentais em defesa dos povos e territórios da Amazônia; Zé Vicente, poeta e cantor conhecido por compor canções em sintonia com as grandes causas sociais e ecológicas; Márcia Oliveira, professora da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e assessora da REPAM; e o padre jesuíta Sandoval Rocha, professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e assessor socioambiental do SARES.

Além da presença dessas personalidades, houve o engajamento das populações tradicionais e ativistas ambientais por meio do relato das realidades que vivenciam. Como Vivia Cardoso, líder do Quilombo do Abacatal, na região metropolitana de Belém (PA); Vanda Witoto, indígena da etnia Witoto; Sileuza Barreto, agricultora familiar do município de Santarém (PA); Valter Calheiros, ativista do Movimento SOS Encontro das Águas e educador socioambiental; Maya Schwade, bióloga que atua nas comunidades de agricultura familiar, no Planalto Satareno (PA); e de crianças da Amazônia que fazem parte do CAC.

No Dia Mundial do Meio Ambiente, 5 de junho, foi promovida uma *live* nas redes sociais da PAAM. O convidado foi Felício Pontes, procurador Regional da República, com um histórico de lutas e de defesa do meio ambiente e dos povos da Amazônia. A mediadora foi Joicy Falcão, bióloga e coordenadora da Fundação Fé e Alegria do Amazonas. O encontro propôs a reflexão *Amazonizar é necessário e urgente: cenário socioambiental dos povos da floresta*.

Pontes fez uma análise da realidade atual da Amazônia , chamando a atenção para questões como o assassinato de ativistas, a grilagem e o modelo predatório de ocupação e desenvolvimento, que foi se instalando aos poucos como modo dominante. Ele defende o modelo socioambiental, direcionado aos povos da floresta, no qual a agroecologia tem papel de destaque, a distribuição de renda é promovida e a floresta é vista como aliada, não como obstáculo.

De acordo com o procurador, existem 17 tipos de atividades que promovem o modelo socioambiental e já atingem um benefício de 192 bilhões de dólares por ano, o que o faz mais rentável do que o modelo predatório. Ele relata a existência de 1,2 mil itens que só são produzidos pelos povos da Amazônia, produtos cada vez mais valiosos. Isso sem considerar os fitoterápicos que, segundo Pontes, poderiam fazer com que o Brasil se tornasse uma potência biotecnológica. Para isso, ele enfatiza que é necessário aproveitar o conhecimento milenar dos povos da floresta e implantá-lo. ■



SUMÁRIO

EDIÇÃO 66 | ANO 7 | JUNHO 2020

6 EDITORIAL
- Somos servos como quaisquer outros
José Alberto Romero Blanco

7 CALENDÁRIO LITÚRGICO

8 ENTREVISTA + PEREGRINOS EM MISSÃO
- A Companhia de Jesus nos acolhe e nos envia
Pe. José dos Passos, *SJ*

10 O MINISTÉRIO DE UNIDADE NA IGREJA + SANTA SÉ
- Mulheres ganham protagonismo no Vaticano
- Papa pede à humanidade para "estender a mão aos pobres"

12 ESPECIAL
- Reconhecendo o rosto de Cristo nos migrantes

19 MUNDO + CÚRIA
- Padre Geral se reúne virtualmente com o Conselho Ampliado

20 AMÉRICA LATINA + CPAL
- Amazônia querida
- SJPAM realiza seminário interno
- Caminho para continuidade
- Ajuda humanitária chega às comunidades do Rio Amazonas
- Nova rotina e reuniões on-line

22 COMPANHIA DE JESUS + GOVERNO
- Província dos Jesuítas do Brasil emite nota de esclarecimento
- Rumo ao Plano Apostólico 2021-2026



Atendimento aos migrantes em Boa Vista (RR).

Crédito: *Sérgio Camara*

AÇÃO SOLIDÁRIA DO SANFRA BATE META DE ARRECADAÇÃO



Com o objetivo de ajudar instituições beneficentes que precisam de apoio neste tempo de pandemia, o Colégio São Francisco Xavier (Sanfra) realizou, durante o mês de junho, o Movimento Junino Solidário, uma campanha de arrecadação on-line. A ideia surgiu do desejo do Sanfra de não deixar o mês de junho, período em que se celebraria a tradicional Festa Junina do Colégio, passar despercebido e, sim, ser lembrado por gestos de solidariedade e empatia, mesmo que a distância.

"Ninguém se salva sozinho". Essa citação, dita pelo Papa Francisco em sua bênção Urbi et Orbi extraordinária, em março, foi a grande motivação da campanha. A meta de arrecadar 10 mil reais em doações foi alcançada graças à colaboração das famílias dos alunos e ex-alunos, profissionais e amigos do Sanfra, que atenderam ao pedido do Colégio de reverter os valores que seriam gastos na festa em doações on-line.

Em entrevista ao ***Em Companhia***, o diretor-geral do Sanfra, Ir. Marcos Epifânio, comemorou os resultados da iniciativa e reforçou a importância da solidariedade. "O Movimento Junino Solidário foi uma bela intuição posta em prática pelo Sanfra para reforçar, em nossa comunidade local, que ou somos ativamente solidários à dor dos demais ou pouco seremos frente ao mundo que nos instiga à compaixão e à fraternidade".

As doações obtidas por meio do Movimento Junino Solidário foram destinadas à Fundação Fé e Alegria, ao Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR), ao Arsenal da Esperança e à Fundação Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga (Funsai), localizadas na região do Ipiranga, onde também fica o Sanfra. ■

A EDUCAÇÃO JESUÍTA E O COMPROMISSO COM O BEM COMUM NO COLÉGIO SÃO LUÍS

A Educação Jesuíta tem por característica atenção às questões da realidade em que vivemos e, à luz da inspiração inaciana, o incentivo aos estudantes responderem aos desafios da sociedade. No documento *Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI. Um exercício contínuo de discernimento*, lançado em 2019, a Companhia de Jesus reafirma sua tradição de preparar alunos para se tornarem agentes de mudança a serviço do bem comum.

Nesse contexto de formação por meio de uma educação conectada com a realidade e que desafie os alunos a propor soluções justas e igualitárias aos problemas globais é que o Colégio São Luís assumiu o compromisso de trabalhar os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) em projetos e atividades desenvolvidos com os estudantes.

Os ODS são uma agenda para equilibrar o desenvolvimento humano com a proteção do planeta propostos durante a Cúpula de Desenvolvimento Sustentável da ONU (Organização das Nações Unidas), em 2015, em Nova York (Estados Unidos).

Na ocasião, líderes de governos e de Estado de 193 países adotaram a Agenda 2030, um conjunto de 17 objetivos de desenvolvimento sustentável. São eles: erradicação da pobreza; fome zero e agricultura sustentável; saúde e bem-estar; educação de qualidade; igualdade de gênero; água potável e saneamento; energia limpa e acessível; trabalho decente e crescimento econômico; indústria, inovação e infraestrutura; redução das desigualdades; cidades e comunidades sustentáveis; consumo e produção responsáveis; ação contra a mudança global do clima; vida na água; vida terrestre; paz, justiça e instituições eficazes; parcerias e meios de implementação.

No Colégio São Luís, os ODS podem ser percebidos nos projetos e atividades desenvolvidos pelos alunos ao longo do ano. Os objetivos são incentivo para repensar o impacto das ações humanas e podem ser trabalhados em diferentes contextos, ajudando a levantar questões importantes. ■

VOLUNTARIADO GANHA FORÇA EM TEMPOS DE PANDEMIA



Quem quiser participar e se inscrever no programa, basta acessar o link https://bit.ly/2Ys3b92.

Em tempos de pandemia, quando o mundo adota medidas de distanciamento social como forma de evitar a propagação da covid-19, gestos de solidariedade se tornam indispensáveis para a sociedade. É o caso do programa social VOU #todospelarua – Voluntariado Universitário da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) –, que tem mobilizado dezenas de voluntários para ajudar pessoas em situação de rua. A iniciativa acontece no prédio do antigo Liceu de Artes e Ofício, que pertence à Unicap, localizado no Centro do Recife (PE).

O trabalho realizado pelo programa de voluntariado, formado por alunos, funcionários e professores da Universidade, oferece às pessoas em situação de vulnerabilidade social a oportunidade de manter a higiene pessoal, tão importante neste momento. Tomar banho, cortar o cabelo, lavar roupas, receber doações de roupas e de produtos de higiene são alguns dos serviços oferecidos. De acordo com a Unicap, são feitos, em média, 70 atendimentos por dia, o que representa um aumento de 40% em relação aos primeiros dias do mutirão.

As alunas da Unicap Alana Larissa e Caroline Dias fazem parte do grupo e estão entusiasmadas com o programa. Alana, de 24 anos, é estudante do segundo período do curso de enfermagem. A jovem decidiu usar o tempo livre para contribuir com a sociedade e acredita no trabalho voluntário como uma via de mão dupla. "As pessoas em situação de rua recebem ajuda e nós recebemos gratidão", afirma Alana. A voluntária declara a sua satisfação: "Mesmo com todo o caos no mundo, me sinto muito feliz em poder ajudar o próximo".

Caroline, de 38 anos, é enfermeira e estudante do nono período do curso de psicologia, ela conta como tem sido a experiência do trabalho voluntário. "A vivência no VOU, apesar de todo o isolamento, está sendo incrível! Nos momentos de crise e de angústia, é quando podemos perceber experiências especiais. Contribuir agora é uma oportunidade única".

O aprendizado que fortalece os que estão se solidarizando também ameniza um pouco o sofrimento e revigora a esperança das pessoas que precisam de ajuda. Como explica Caroline: "Aprendi que, apesar de todas as adversidades, nos tornamos melhores quando somos melhores para os outros". Como reitera Alana: "Aprendi que todos precisam ser lembrados. Há muitas pessoas que se sentem invisíveis estando em situação de rua. Nesse projeto, eles voltam a ter uma identidade, se sentem especiais e acolhidos. Isso é essencial".

Respeitando as medidas de distanciamento social, os voluntários são escalados sempre em dias alternados para diminuir os riscos de contágio e recebem equipamentos de proteção individual, como toucas, máscaras e luvas, além de alimentação. ■

Emcompanhia
INFORMATIVO DOS JESUÍTAS DO BRASIL

24 **PROMOÇÃO DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL**
- Voluntariado ganha força em tempos de pandemia



Voluntariado Universitário Unicap (VOU)

25 **EDUCAÇÃO**
- Ação solidária do SANFRA bate meta de arrecadação
- A educação jesuíta e o compromisso com o bem comum no Colégio São Luís

26 **CUIDADO DA AMAZÔNIA**
- Amazonizar é necessário e urgente

27 **NA PAZ DO SENHOR**
- Pe. João Sebaldo Schuck, *SJ*

EXPEDIENTE

EM COMPANHIA é uma publicação mensal dos Jesuítas do Brasil, produzida pelo Escritório de Comunicação BRA.

COMUNICAÇÃO BRA
contato@jesuitasbrasil.org.br
www.jesuitasbrasil.org.br

DIRETOR EDITORIAL
Pe. Anselmo Dias, *SJ*

EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Silvia Lenzi (MTB: 16.021)

REDAÇÃO
Cristiane Garcia Azevedo
Maria Eugênia Silva
Silvia Lenzi

DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGENS
Érica Rodrigues
Luciana Pereira de Mello

ESTAGIÁRIO
Wellerson Soares

COLABORADORES DA 66ª EDIÇÃO
Ana Lúcia Farias, Ana Ziccardi (Revisão), Pe. Antônio Tabosa, SJ, Carol Cuzcano, Ir. Eudson Ramos, SJ, Ir. Marcos Epifânio, SJ, e Janaina Santos



José Alberto Romero Blanco
Coordenador do Centro Social Liberdade - Fundação Fé e Alegria do Brasil

SOMOS SERVOS COMO QUAISQUER OUTROS

Ao longo dos anos, aprendemos que a vida não é exatamente uma viagem tranquila, mas, sim, um passeio na montanha-russa que, às vezes, nos surpreende com mudanças que geram incerteza e exigem força e coragem até o fim. Não tem parada no meio da jornada, eu sei porque sou um migrante que, junto com milhares de peregrinos, viajamos sem poder parar, cuja única direção possível é "para frente". O Norte do Brasil, hoje, é um palco para esse tipo de realidade, porém sabemos que, em todo o mundo, existem centenas de lugares onde essa situação é replicada: milhares e milhares de migrantes forçados, resumem suas vidas em, apenas, uma mala. Quase metade deles são crianças e adolescentes que sofrem e não entendem, já os ouvimos dizer: "Quero dormir na minha cama, onde fica minha casa, por que não voltamos?". Lembramo-nos de um adolescente dizendo: "meu pai é viciado e minha mãe não está nem aí, por favor me ajude porque eu quero estudar"; e, assim como ele, milhares de vozes que gritam todos os dias nos motivam a continuar trabalhando e enfrentando desafios tão grandes que nos fazem sentir incapacitados e insuficientes. Por isso, Fé e Alegria (FeA) está se adaptando a essa nova realidade, gerando serviços para apoiar essas pessoas

Hoje, esse sentimento de impotência se torna maior, um problema sobre outro, a migração e a pandemia da covid-19. De repente, enfrentamos um contexto que muda rapidamente e exige de nós, além de rapidez, assertividade na tomada de decisão – o que só podemos alcançar discernindo as coisas espiritualmente, não apenas para reconhecer e entender o que está acontecendo, mas, principalmente, para ser direcionado por Deus no propósito dele e responder como servos e discípulos fiéis. Em resumo, Ele nos mostra onde, quando e de qual maneira agir, e, assim, nossa impotência faz sentido e nos leva ao ponto mais alto que podemos alcançar: de joelhos em oração.

No meio desse turbilhão, estamos com recursos sempre limitados, com tempo sempre curto, observando, discernindo, agindo. Cada um de nós que faz parte da Companhia de Jesus – sacerdotes, religiosos, leigos, colaboradores ou voluntários – contribuímos com alguma tarefa para sustentar quem está na ponta e quem, por sua vez, nutre, cuida, cura, ensina e protege. Reforçando o conceito de unidade em que trabalham, a Fundação Fé e Alegria, o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados e a Pastoral Universitária constituem uma força expandida que visa abraçar as famílias de maneira integral, cada uma com seus projetos e objetivos específicos, mas com um espírito de grande colaboração e fraternidade. Para nós, o trabalho constitui um chamado para servir, é estarmos cientes de que nossas ações podem mudar a vida das pessoas para o bem e de que toda dádiva boa vem de Deus. Aprendemos que o dono da obra é Jesus Cristo e por essa razão nosso papel se estende de um simples funcionário para um servo. Nossa certeza não se baseia em conceitos mentais, mas em dons superiores e gratuitos, como a fé e a alegria dadas por Aquele que nos chamou.

Vamos, humildemente, reconhecer que não podemos fazer a obra sozinhos, mas que, com a direção de Deus e a companhia dos nossos colegas servos, avançaremos na construção das obras que os nossos predecessores começaram neste território inspirado pelo amor e pela piedade. Lembremos também que todos trabalhamos *com* todos, porque *para* quem trabalhamos é muito claro; eles são os nossos beneficiários, imagens vivas de nosso Senhor Jesus. Olhando por essa perspectiva, em que qualquer hierarquia é resumida na palavra *servo*, entendemos melhor nosso trabalho porque, além das descrições de cargo e responsabilidades de cada um, sabemos que fazemos parte de algo maior, na FeA, somos todos *Companhia de Jesus*.

Isso nos ajuda a reconhecer os outros e a lidar com a tentação de pensar que existem conquistas individuais; na realidade, todos nós contribuímos, mas é pela graça de Deus que podemos enfrentar esses imensos desafios juntos e seguir em frente. Lendo o Evangelho de Lucas 17,10, encontramos um versículo que resume essa realidade: "Assim também vós, depois de terdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: Somos servos como quaisquer outros; fizemos o que deveríamos fazer". ■

RUMO AO PLANO APOSTÓLICO 2021-2026

Após cinco anos e meio da criação da Província dos Jesuítas do Brasil (BRA), os jesuítas e colaboradores leigos terão a oportunidade de construir juntos o novo Plano Apostólico para o período de 2021 a 2026. Trata-se de um instrumento importante para a vida missionária da Província, pois estabelece o horizonte comum para a atuação e segue as mesmas diretrizes da Companhia universal.

A primeira etapa do processo, iniciada em abril, consiste na criação de grupos de trabalho (GTs) para refletir, rezar e "ver" a realidade das diferentes frentes apostólicas: caminho para Deus - EEEE e discernimento; pobres, descartados pelo mundo e vulnerados em sua dignidade - reconciliação e justiça; juventude e vocações - futuro com esperança; cuidado com a Casa Comum; comunicação é missão; missão-vida e superiores; educação da Companhia; formação para a missão; e paróquias, santuários, igrejas e capelanias - identidade e missão. Cada grupo está se debruçando não apenas sobre os diferentes olhares de quem atua naquela área especificamente, mas também de outras pessoas que conhecem a realidade ou mesmo estão colaborando a partir de outra perspectiva apostólica.



Em entrevista ao ***Em Companhia***, o Ir. Eudson Ramos, Sócio do Provincial dos Jesuítas no Brasil, explicou o método adotado para construir o novo documento e falou sobre as novidades.

"O método da conversação (diálogo) espiritual que está sendo adotado é um eficiente meio para se construir, a muitas mãos, uma visão em nome da Província, diante da atualidade e dos diversos cenários depois de cinco anos e meio de criação da BRA. Cada grupo de trabalho tem a moderação de um coordenador que facilita os trabalhos e conduz os passos a serem dados. A grande novidade é que todo o processo está sendo desenvolvido de forma virtual, envolvendo do cerca de 100 pessoas que fazem parte do corpo apostólico da Província e estão espalhadas por todas as regiões do Brasil. Certamente, essa é a grande novidade e, ao mesmo tempo, o desafio que todos vivemos nestes tempos de pandemia".

> *"HÁ EXPECTATIVA DE QUE, AO FINAL DO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021, JÁ TENHAMOS O DOCUMENTO PRONTO E APROVADO PARA DIVULGAÇÃO A TODO O CORPO APOSTÓLICO DA PROVÍNCIA."*
>
> **Ir. Eudson Ramos, *SJ***

A previsão é que a primeira etapa do processo seja concluída em agosto, com uma reunião presencial entre os coordenadores dos GTs e os membros do Conselho para a Missão, na qual se terá uma ampla visão do conteúdo da primeira etapa do discernimento com base nas contribuições daqueles que formaram os grupos. A segunda etapa continuará com a prática da conversação espiritual na qual todas as obras apostólicas e comunidades jesuítas refletirão o material e apresentarão suas ponderações. Sobre os próximos passos, o jesuíta explicou: "Paralelamente ao processo desenvolvido na Província, aguardaremos a conclusão da revisão do Projeto Apostólico Comum (PAC) da Conferência de Provinciais Jesuítas da América Latina (CPAL). Considerando esse material em mãos (segunda etapa do processo provincial e o PAC), o Provincial e suas instâncias auxiliares de governo iniciarão a terceira etapa para indicar o resultado de todo o processo de discernimento em comum feito pela Província e que se tornará o Plano Apostólico da BRA 2021-2026".

Depois de redigida a versão final, o Plano Apostólico precisa ser enviado para Roma (Itália), a fim de obter a aprovação do Superior Geral da Companhia de Jesus e, somente após essa autorização, o documento poderá ser publicado oficialmente. "Por causa de toda a situação de pandemia que vivemos, os prazos ainda não estão claros, mas há expectativa de que, ao final do primeiro semestre de 2021, já tenhamos o documento pronto e aprovado para divulgação a todo o corpo apostólico da Província", explicou Ir. Eudson. ■

PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL EMITE NOTA DE ESCLARECIMENTO

A Província dos Jesuítas do Brasil divulgou uma nota oficial, no dia 7 de junho, esclarecendo sobre uma reportagem publicada no jornal O Estado de S. Paulo acerca da reunião de membros de algumas emissoras de TVs de inspiração católica com o presidente da República.

Veja a nota na íntegra:

JESUÍTAS BRASIL

NOTA DE ESCLARECIMENTO

Diante da reportagem do jornal O Estado de S. Paulo "Por verbas, TVs católicas oferecem a Bolsonaro apoio ao governo", publicada em 6 de junho, a Companhia de Jesus no Brasil esclarece que foi surpreendida pela publicação e lamenta profundamente. Ressaltamos, que não estávamos representados institucionalmente na reunião com o presidente da República, com membros de algumas emissoras de TV de inspiração católica e alguns parlamentares.

Esclarecemos que a Rede Século 21 não pertence à Companhia de Jesus e, desse modo, a participação de seu representante legal na referida reunião se deu por interesse próprio da emissora. Conforme alertados na nota da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), publicada em 6 de junho, por meio da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação e demais associações relacionadas, as emissoras intituladas 'de inspiração católica' têm naturezas diferentes e seguem seus próprios estatutos e princípios editoriais.

Ressaltamos que a Província dos Jesuítas mantém – e sempre manteve – relações institucionais com agentes públicos e os poderes constituídos tendo como base os valores do Evangelho, assim como os valores democráticos, republicanos, éticos e morais.

A atuação da Província do Brasil está também pautada pelas quatro Preferências Apostólicas Universais da Companhia de Jesus:

1. Mostrar o caminho para Deus por meio dos Exercícios Espirituais e do discernimento.
2. Caminhar com os pobres, os descartados do mundo, os vulneráveis em sua dignidade em uma missão de reconciliação e justiça.
3. Acompanhar os jovens na criação de um futuro promissor.
4. Colaborar no cuidado da Casa Comum.

Por isso, sentimo-nos chamados a apoiar as vítimas das injustiças e desigualdades, fruto dos "atuais modelos dominantes de desenvolvimento" que "deixam milhões de pessoas, especialmente jovens e pessoas vulneráveis, sem oportunidades para integrar-se na sociedade". Assumimos, como Igreja da América Latina, a opção preferencial pelos pobres e não podemos abandoná-los em detrimento de interesses outros que não os do Evangelho.

A Província dos Jesuítas do Brasil reafirma o seu compromisso com o serviço da fé e a promoção da justiça, em comunhão com o Papa Francisco e com toda a Igreja no Brasil, representada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). ■

Pe. Mieczyslaw Smyda, *SJ*
Provincial dos Jesuítas do Brasil

CALENDÁRIO LITÚRGICO PRÓPRIO DA COMPANHIA DE JESUS

JULHO

DIA 2

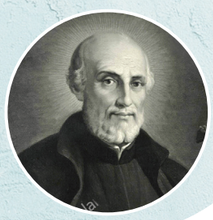
São Bernardino Realino, São João Francisco Régis e São Francisco Gerônimo







Beato Juliano Maunoir e Beato Antônio Baldinucci





DIA 9

São Leão Mangin, São Paulo Denn e Santa Maria Zhu Wu



DIA 17

Beato Inácio de Azevedo e companheiros

DIA 31

Santo Inácio de Loyola





Pe. José dos Passos da Silva, *SJ*

A COMPANHIA DE JESUS NOS ACOLHE E NOS ENVIA

Recentemente nomeado Secretário para Paróquias, Santuários, Igrejas e Capelanias, Pe. José dos Passos da Silva encontrou, na Companhia de Jesus, um espaço de aprendizado, amor e serviço. Por meio dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, o filho de Dom Benedito e Dona Maria José alcançou respostas para muitos questionamentos. Em entrevista ao informativo ***Em Companhia***, padre Passos, como é conhecido, relembra um pouco de sua trajetória como pároco:

Conte-nos um pouco sobre a sua história e como conheceu a Companhia de Jesus.

Sou natural de Lagoa da Prata (MG) e, neste ano, completo 55 anos de idade. Falo a idade porque faz um número bastante bonito! Sou o primeiro de nove filhos em uma família católica, humilde, pobre e devota. Nos 50 anos de matrimônio de meus pais, alguém disse para papai, Dom Benedito: "O senhor é um artista. Conseguiu criar tantos filhos com um salário mínimo!". E ele respondeu: "Artista é Maria José, que cuidava da casa e do dinheiro!". Nunca vi briga entre eles e, até hoje, papai é quem prepara o café da manhã para que mamãe descanse um pouco mais.

Por volta dos 20 anos, estava engajado em grupo de jovens e nas ações sociais da paróquia. E, em 1985, tive a oportunidade de saborear uma "amostra grátis" da espiritualidade inaciana por meio de um fim de semana de oração e libertação com o Padre José Ramón de La Cigõna. A partir de então, recebi dele o acompanhamento vocacional em casa e na Comunidade Vocacional de Juiz de Fora (MG). Em 1987, ingressei no Noviciado da Companhia de Jesus em Campinas (SP) e tive o Padre Luis G. Quevedo, Quevedinho, por Mestre de Noviços.

Quais as experiências mais marcantes que o senhor vivenciou durante sua formação como jesuíta?

Considero que a experiência mais importante – a primeira – foi o retiro de fim de semana em 1985, dirigido pelo Pe. José Ramón. Foi o encontro da fome com a vontade de comer. Eu me questionava sobre a vocação e os Exercícios Espirituais me foram apresentados, seguidos do acompanhamento vocacional. Toda a minha experiência de Deus e toda a minha vida como jesuíta decorrem desse encontro. Recordo, com imensa gratidão, os detalhes, as pessoas e as experiências da ocasião.

A comunidade vocacional, no ano seguinte, serviu para eu me aprofundar e me abrir à dimensão sociotransformadora da fé por meio da descoberta da Igreja na América Latina, suas opções, seus mártires e sua luta. A Companhia de Jesus foi me acolhendo e dando condições para eu crescer nesse conhecimento e compromisso.

Lembro-me com carinho do Noviciado. As lembranças dos experimentos e dos companheiros são uma grata recordação e uma alegria que dá sentido para a vida no momento presente. Curiosamente, são coisas aparentemente sem importância que me trazem alegria: um serviço de pastoral com outros companheiros na periferia de uma grande cidade, a convivência e a ajuda mútua nos trabalhos de cuidar da casa, da capela e da liturgia, a celebração dos votos, o entusiasmo e a juventude misturados.

Destaco, também, o tempo de preparação e a ordenação presbiteral. A semana de trabalhos pastorais com os companheiros na missão em minha cidade. Eu queria oferecer à Igreja de minha infância e juventude um pouco do muito que tinha recebido ali. Foi uma semana de muito trabalho e festa. Ali, eu compreendi a beleza de nossa vocação como *amigos no Senhor*: Por causa de minha ordenação, a paróquia pôde experimentar nossa espiritualidade e nosso serviço por meio da multidão de jesuítas alegres em servir com o seu melhor. Com a ajuda dos companheiros, fizemos uma missão extremamente diversa nos métodos e profundamente evangélica no conteúdo.

A experiência de Companhia, para mim, se concretiza nos que comigo vi-

SJPAM REALIZA SEMINÁRIO INTERNO

Nos dias 15 e 16 de maio, o Serviço Jesuíta Panamazônico (SJPAM) realizou o seu segundo seminário interno. No primeiro dia, a sessão foi sobre Interculturalidade e Inculturação e, no segundo dia, sobre Espiritualidades e Cosmovisões.

As atividades ajudaram a definir, de maneira clara, o significado e a relação dos diversos conceitos, com base nos documentos do Sínodo Pan-amazônico. Os participantes também puderam refletir sobre os apelos feitos pelo Papa Francisco em relação a esses temas.

O grupo concluiu que o termo inculturação é complexo, visto que pode ter uma perspectiva neocolonialista. Também constataram que não há inculturação sem interculturalidade. Além disso, aprofundaram o valor que representa as espiritualidades dos povos indígenas.

"A avaliação deste espaço foi bastante positiva, pois são temas intimamente relacionados com o trabalho desenvolvido pelo SJPAM e que nos ajudarão a repensar e continuar a nossa missão a serviço da Pan-Amazônia", disse Pe. Valério Sartor. ■

AJUDA HUMANITÁRIA CHEGA ÀS COMUNIDADES DO RIO AMAZONAS

Cerca de 350 famílias das comunidades indígenas e ribeirinhas da Tríplice Fronteira Amazônica receberam ajuda humanitária enviada pelo Serviço Jesuíta Panamazônico (SJPAM). A ação tem como objetivo auxiliar os moradores no enfrentamento à pandemia da covid-19.



As medidas de distanciamento social têm impactado fortemente a região. Do lado colombiano, esta realidade afeta não só a cidade de Leticia, mas também as comunidades mais afastadas, como Nazareth, Arara, El Progreso etc. Boa parte das famílias que moram nesses locais se veem obrigadas a se deslocar com frequência para Leticia, inclusive, para comprar mantimentos, o que os expõem, consideravelmente, ao vírus.

Diante dessa realidade, o SJPAM passou a buscar recursos para apoiar os moradores desses lugares com o objetivo de evitar deslocamentos e, assim, reduzir o risco de contágio. Para isso, os membros do SJPAM compram produtos alimentícios, de proteção individual e de higiene e os levam até o porto de Leticia. Lá, alguns parceiros das comunidades dão continuidade ao transporte e se encarregam de distribuí-los entre as famílias mais necessitadas. ■

NOVA ROTINA E REUNIÕES ON-LINE

Conscientes da realidade que vivem, os membros do Serviço Jesuíta Panamazônico (SJPAM) precisaram adaptar suas rotinas, desde o início da pandemia. Acreditavam que o tempo de distanciamento social lhes permitiria descansar, ler, orar mais etc. No entanto, foi totalmente ao contrário. Muitas coisas mudaram, mas o trabalho e as reuniões se multiplicaram.

Sem a possibilidade de fazer reuniões presencialmente, a equipe teve de recorrer às videoconferências para dar continuidade à agenda. Neste período, eles já se reuniram com os coordenadores da Conferência de Provinciais na América Latina e Caribe (CPAL); com a Organização dos Povos Indígenas da Amazônia Colombiana (OPIAC); com os eixos da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM); com a Iniciativa Inter-religiosa para Florestas Tropicais (IRI); com o Comitê Internacional do Fórum Social Pan-Amazônico (FOSPA) etc. ■

Fonte: Carta Mensal Pan-Amazônia (nº 71/Maio2020)
Acesse **www.jesuitasbrasil.com/cartapanamazonia** e leia a íntegra desta e de outras edições.



Pe. David Romero Bravo, ***SJ***
Delegado para Preferência Apostólica Amazônia, Província do Brasil

AMAZÔNIA QUERIDA

Que momento forte e histórico estamos vivendo! A pandemia da covid-19 continua sendo um grande desafio na América Latina e no mundo. Ela segue ameaçando a vida humana e modificando estilos de vida. A Encíclica *Laudato Si´* do Papa Francisco completou cinco anos e seu aniversário tem estimulado muitos debates. Estamos caminhando no tempo de pós-Sínodo para a Amazônia, com o desejo de colocar em prática seus frutos, iluminados pelo Documento Final do Sínodo e pela Exortação Apostólica pós-Sinodal Querida Amazônia. Também, como Companhia de Jesus, recebemos instrumentos importantes como as Preferências Apostólicas Universais e a recente carta do Padre Geral, Arturo Sosa, sobre O 'cuidado' (cura) no governo da vida-missão da Companhia de Jesus nesta mudança de época.

Destaco três pontos sobre o contexto atual desde a perspectiva amazônica. Primeiro, somos chamados a estimular a cultura do cuidado. Todos os acontecimentos e os documentos citados acima apontam para uma postura de ´cuidado´ da Casa Comum e dos seres humanos, especialmente, dos povos indígenas, dos quilombolas e dos migrantes. A sociedade tende a favorecer o modo de *ser-no-mundo* pelo trabalho, caracterizado pela ´intervenção´. O outro modo de *ser-no-mundo* se dá pelo cuidado, caracterizado pela 'interação'. Cuidar é mais do que um simples ato, é atitude e postura. Representa atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro e com a Criação. O cuidado deve estar presente em tudo. Dar atenção à centralidade do cuidado não significa deixar de trabalhar e de intervir no mundo. Significa organizar o trabalho em sintonia com a natureza, seus ritmos, seus ciclos e suas indicações. Significa respeitar a comunhão de que todas as coisas desfrutam entre si e conosco. Significa colocar o interesse coletivo da sociedade, da comunidade biótica e terrenal acima dos interesses exclusivamente humanos.

O segundo ponto é a necessidade da mudança do paradigma antropocêntrico para um paradigma ecocêntrico. Em termos da vida cotidiana, o modelo antropocêntrico significa que o ser humano se torna o centro de tudo. A tendência é pensar no universo como uma coleção de objetos, e não como uma comunhão de sujeitos. Isso significa que o mais importante é acumular grandes quantidades de meios de vida - riqueza material, bens e serviços - para desfrutar de nossa curta jornada neste planeta. O Papa Francisco aponta para as consequências dolorosas desse paradigma. "[...]Entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que está 'gemendo como que em dores de parto' (Rm 8,22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2,7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta[...]" (LS 2). O novo paradigma do ecocentrismo se recusa a reduzir a Terra a uma variedade de recursos naturais ou a um reservatório físico e químico de matérias-primas. A Terra tem sua própria identidade e autonomia como um organismo dinâmico e complexo. Em um nível profundo, agora, pode ser vista como a Grande Mãe que nos nutre e nos sustenta.

O terceiro ponto é um chamado a vivenciar uma espiritualidade de intimidade santa e saudável em relação à Casa Comum. Santa pela dimensão espiritualmente pura que cultiva uma postura de amor e de carinho; e saudável porque promove bem-estar mental e espiritual. Encontramos esse tipo de intimidade nas parábolas de Jesus: o Bom Samaritano e o Bom Pastor. A crise ecológica nos convida a recuperar esse sentimento de intimidade com a natureza do qual, talvez, a vida na cidade tenha nos afastado. Nossas metrópoles são, frequentemente, selvas de concreto e de aço, de rodas e de fios, um mundo de trabalho sem fim. Raramente, vemos as estrelas ou a lua. Mesmo durante o dia, não experimentamos o sol de maneira significativa. A intimidade com o planeta, em sua maravilha e beleza, e a profundidade de seu significado é o que permite que um relacionamento humano integral floresça.

Pedimos a graça para que os nossos olhos estejam fixos em Jesus, que é o mesmo ontem, hoje e sempre. Encerrando o Ciclo Pascal, aprofundemos o mistério da vida, da paixão e da ressurreição do Senhor. Coloquemos, em suas mãos, os nossos desafios e as nossas dificuldades, para que Ele os ilumine por meio do Espírito. Com a gratidão e a confiança que geram esperança, avancemos mais conectados e interligados no cuidado de nossos irmãos, da Casa Comum e da Amazônia querida! ■

vem e trabalham. Considero-me uma pessoa, profundamente, amada e privilegiada por Deus porque Ele me presenteou com os melhores companheiros de missão que eu podia ter. Depois da ordenação, morei quase seis anos na periferia de São Paulo (SP), num trabalho social com a juventude. Quanto sou grato pela acolhida que recebi ali, me ensinaram o caminho do serviço aos pobres. Pe José Flávio Tardin, como superior, me ajudou a contornar as dificuldades da convivência com o diálogo e a abertura do coração. Pe. Miguel Elosua me ajudou a amar e a servir os pobres. Pe. Carlos Fritzen me incentivou a servir com criatividade a juventude.

Trabalhar em paróquias tem sido uma opção pessoal ou responde a um chamado da Companhia?

Depois da minha ordenação, trabalhei no projeto social com a juventude, no Centro Pastoral Santa Fé, em São Paulo (SP). Fui enviado a essa missão em vista, sim, de minha disposição para o trabalho em paróquia. O Provincial à época, Pe. Francisco Ivern, me enviou para o Santa Fé porque, ali, os jesuítas cooperavam com as paróquias vizinhas da região de Brasilândia.

A Companhia de Jesus nos acolhe e nos envia. Cada pessoa tem suas capacidades e habilidades, características pessoais que são aproveitadas e desenvolvidas ao longo da formação, recebendo o acompanhamento e as melhores condições para serem desenvolvidas em vista de prestar o melhor serviço. A Companhia nunca me negou nada que eu tivesse pedido e eu não me lembro de ter-lhe negado nada que me fosse pedido, também nunca me foi pedido o que eu não tivesse condições de responder.

O senhor foi nomeado pelo Provincial dos Jesuítas do Brasil como Secretário para Paróquias, Santuários, Igrejas e Capelanias. Quais são as orientações para o trabalho nas paróquias?

Fui nomeado, recentemente, para o trabalho de Secretário para a Rede Diakonia – assim chamamos o Secretariado para as Paróquias, Igrejas, Santuários e Capelanias. De modo geral, a orientação da Companhia para essa área está dada nos documentos, especialmente, no *Características de uma paróquia Jesuíta na América Latina* e nas Preferências Apostólicas Universais. Grosso modo, o que se quer é que nossa identidade e espiritualidade apareçam no nosso modo de coordenar e dirigir uma paróquia, tendo em vista as dimensões próprias de nossa missão. Toda paróquia está situada numa Diocese, aliás, a paróquia é da Diocese primeiramente. Por isso, nosso trabalho de evangelização também tem de ser em comunhão com as orientações de cada Diocese em que a paróquia está e em comunhão com o Bispo local.

Diante de um contexto de pandemia, quais os desafios pastorais e socioeconômicos que as paróquias têm enfrentado?

A pandemia forçou cada paróquia a se reinventar para oferecer serviços pastorais de modo virtual e, ao mesmo tempo, responder a novas demandas de apoio e assistência aos pobres.

Conforme a disponibilidade dos serviços de internet e das condições de organização da Pascom (Pastoral da Comunicação) em cada paróquia, essa criatividade é mais ou menos eficaz. Missas transmitidas de forma virtual, orientações nos Exercícios Espirituais, catequeses, entre outros, são oferecidos.

O número de pessoas em situação de vulnerabilidade social aumentou e a atenção dos párocos para o auxílio aos necessitados também ganhou novas formas de solidariedade. Na região de Belo Horizonte (MG), as paróquias da Santíssima Trindade e de São Francisco Xavier, por exemplo, têm se esforçado para amparar com alimentação, medicamentos e material de higiene os que nos procuram. E vemos que a procura aumentou bastante, mas a solidariedade também cresceu. Contamos com outras forças sociais e pastorais que se mobilizam para este trabalho.

Conforme as orientações do poder público local e das Dioceses, também os nossos funcionários nas secretarias e casas paroquiais recebem orientações e novos modos de desenvolver seus serviços. O cuidado com nossos colaboradores está em vista de preservar a saúde e as melhores condições de manutenção das atividades.

Quais são as perspectivas de futuro para o trabalho paroquial?

A Província dos Jesuítas do Brasil está em discernimento apostólico se perguntando como ser mais eficaz no serviço ao Evangelho neste país e neste tempo. Isso comporta avaliar nossa presença e definir o nosso futuro em vista de maior qualidade dessa presença. Temos os critérios das Preferências Apostólicas e o Magis inaciano como impulsionador dessa renovação. No primeiro momento, trata-se de uma escuta mais ampla possível em que todos podemos dar opinião, que será considerada nos Grupos de Trabalho encarregados da promoção do discernimento. Para mim, o caminho está aberto e a docilidade ao Espírito me parece ser o mais importante a ser buscado nesse itinerário.

A Rede Diakonia envolve mais de 120 jesuítas em 28 paróquias, igrejas e santuários. Acredito que o trabalho de nossas paróquias é não só necessário, como também extremamente valioso na vivência do serviço aos pobres e ao Evangelho. Não é possível dizer o que deve ser mudado, mas é necessário fazer crescer, entre nós, o desejo de participar do processo com aquilo que o Espírito Santo fala a cada coração. ■

MULHERES GANHAM PROTAGONISMO NO VATICANO

O Papa Francisco nomeou, neste mês, mais duas mulheres para cargo de chefia: uma da Autoridade de Informação Financeira (AIF) e outra da Biblioteca Apostólica Vaticana, o que reforça a presença feminina na Santa Sé. Em janeiro, a advogada italiana Francesca Di Giovanni assumiu a Secretaria de Estado da Santa Sé, o mais alto cargo que uma mulher já ocupou no Vaticano.

Nascida em Milão (Itália), Antonella Alibrandi, de 55 anos, assumirá como membro do Conselho Diretivo da Autoridade de Informação Financeira, instituição da Santa Sé que atua na luta contra a lavagem de dinheiro e o financiamento do terrorismo. Atualmente, ela ocupa os cargos de professora de Direito Econômico e pró-reitora vigária da Universidade Católica do Sagrado Coração, na Itália. Ela também é membro da Ordem dos Advogados de Milão, presidente da Associação de Professores de Economia e Direito e membro da União dos Juristas Católicos.

"Profunda gratidão ao Santo Padre pela confiança que decidiu me conceder com essa nomeação. Vou exercer com o máximo empenho e responsabilidade absoluta o delicado papel a que fui chamada, em espírito de serviço ao bem da Igreja universal", expressou a professora.

Instituída por Bento XVI, em 2010, a Autoridade de Informação Financeira consolidou seu mandato institucional com o Papa Francisco. No âmbito internacional, em 2013, o organismo foi admitido no Grupo Egmont, fórum global que, atualmente, reúne as unidades de informações financeiras de 152 países e jurisdições, em cujo contexto são partilhadas regras e boas práticas de colaboração e troca de informações internacionais.

A outra nomeação feita pelo Santo Padre é a da chefe da Biblioteca Apostólica do Vaticano (BAV): a doutora especialista em Biblioteconomia Raffaella Vincenti Biason, que ocupava o cargo de secretária-geral desde fevereiro de 2013. Nascida na Itália, Vincenti trilhou a maior parte da sua trajetória profissional nessa biblioteca e, agora, é a primeira mulher a ocupar a posição mais alta na instituição. Desde 2011, a especialista também faz parte do quadro de professores da Escola Vaticana de Biblioteconomia, onde ministra a disciplina de Referências e Documentações Bibliográficas.

Localizada na cidade do Vaticano, a Biblioteca Apostólica foi fundada em 1448 pelo Papa Nicolau V e é considerada uma das bibliotecas mais antigas do mundo. Seu acervo riquíssimo é composto por mais de 180 mil volumes de manuscritos e arquivos, 1,6 milhão de livros impressos, 8,6 mil incunábulos (edições feitas entre a invenção da imprensa e o século XVI), 300 mil moedas e medalhas, 150 mil gravuras e desenhos e 150 mil fotografias.

A PRESENÇA FEMININA NA SANTA SÉ

Desde sua posse, em 2013, o Papa Francisco tem ampliado a participação de mulheres na alta hierarquia do Vaticano.

Vale lembrar que, em julho de 2019, a jornalista brasileira Cristiane Murray foi nomeada nova vice-porta-voz do Santo Padre. Formada em Administração de Empresas e Marketing pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, ela ingressou na Rádio Vaticana em 1995. Desde então, fazia parte da equipe brasileira que transmite programas diários e cuida do portal Vatican News em português e das redes sociais.

Em 1º de janeiro, o Pontífice havia sugerido que 2020 seria um ano importante do ponto de vista da abertura da Igreja ao universo feminino em responsabilidades: as mulheres "devem estar totalmente associadas aos processos de tomada de decisão", afirmou o Santo Padre, porque "quando as mulheres podem transmitir seus dons, o mundo se vê mais unido e mais pacífico". ■



PADRE GERAL SE REÚNE VIRTUALMENTE COM O CONSELHO AMPLIADO

Qual é o impacto da covid-19 em nossos apostolados? O que está acontecendo com as Preferências Apostólicas Universais? Elas estão avançando? Essas são algumas das questões que o Conselho Ampliado do Padre Geral buscou responder na reunião realizada de 8 a 12 de junho. Em razão do distanciamento social imposto pela pandemia da covid-19, o encontro aconteceu em ambiente virtual, dividido por regiões (Américas, África e Europa e Ásia). Afinal, a missão da Companhia de Jesus precisa avançar, mesmo em meio à pandemia.



"Estes dias confirmaram, para nós, a riqueza da missão que recebemos por meio do Papa Francisco, dando-nos as Preferências Apostólicas Universais como o roteiro para alcançar a unidade do corpo e dar o melhor de nós mesmos ao serviço da missão que o Senhor confiou a sua Igreja ", disse o Superior Geral Arturo Sosa, acrescentando, que "Retomar as Preferências Apostólicas em meio aos sofrimentos de tantas pessoas ao redor do mundo e a incerteza sobre o futuro da humanidade nos mostra novas facetas do que o Espírito e a Igreja estão nos pedindo por meio deles".

A crise do novo coronavírus levanta uma das questões mais existenciais do nosso tempo: "Onde está Deus? Ele se importa conosco?" Levantamento aponta que, no Reino Unido, uma em cada 20 pessoas, ou seja, 5% dos adultos, começou a rezar durante a pandemia, mesmo que nunca o tivesse feito antes. Isso mostra como a fé é relevante neste momento de incertezas. Como estamos ajudando as pessoas a encontrar Deus no meio dessa pandemia?

Em entrevista recente, o Papa Francisco foi perguntado sobre como ele faria para alcançar as pessoas. O Pontífice afirmou: "A última coisa que eu faria é contar uma coisa a elas ... O que eu tentei é fazê-las sentir que eu estou perto delas. Hoje, a linguagem dos gestos é mais importante do que as palavras."

Durante a reunião, também foram feitas inúmeras perguntas sobre o acompanhamento e a proximidade da Companhia de Jesus com os pobres: nossa Província e nossa Conferência podem, realmente, ouvir o chamado dos pobres? O que pode ser feito sobre nossos privilégios? Estamos trancados por medo ou por prudência? O que está acontecendo em nossos corações? Estamos oferecendo uma mensagem de esperança? Estamos, realmente ouvindo os pobres?.

Ao jornalista Austen Ivereigh, o Papa Francisco admitiu o momento complexo em que vive a Igreja, sempre acostumada a lidar com a relação entre pastores e rebanhos e ainda não totalmente próxima à revolução digital. "O povo de Deus precisa que seus pastores estejam próximos dele, não se protejam demais. O povo de Deus precisa que seus pastores se sacrifiquem". Outra citação do Pontífice: "O padre Arrupe costumava dizer 'onde quer que haja dor, a Companhia de Jesus está lá'. Onde quer que haja sofrimento, somos afetados porque é o Senhor que está sendo crucificado."

Como os jovens lutam e como os acompanhamos? Muitos deles perderam o emprego. Eles são particularmente vulneráveis devido à sua recente entrada no mercado de trabalho. Mas muitos também serão frustrados pelo sistema econômico; eles sabem que querem uma mudança. Como podemos acompanhá-los a discernir o que precisa ser feito para lidar com essa mudança - não apenas para dar vazão a sentimentos de frustração, mas também para, realmente, agir de uma maneira eficaz e que dê frutos?

O Conselho aproveitou para fazer uma revisão da situação ecológica e dos cuidados com a Casa Comum. Mauricio Lopez, secretário da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) e um dos convidados, disse que "para aqueles que acreditam em Jesus, o momento presente oferece a oportunidade de oferecer a essência de nossa experiência como discípulos frágeis e pecadores redimidos do Reino de Deus aqui e agora". ■



Atendimento a migrantes pelo SJMR Boa Vista (RR)

submetia à violência de gênero: "sofri violência física, psicológica e ameaça de morte". A convite da irmã, que já havia migrado para o Brasil, ela encontrou aqui uma chance de se livrar das violências vividas e buscar acesso a medicamentos e alimentação adequada. Ao chegar em Boa Vista, a situação não foi fácil para a venezuelana: "sofri xenofobia, discriminação e não sabia o que fazer, pois, se regressasse para Venezuela, voltaria para toda a situação descrita, se ficasse no Brasil, enfrentaria discriminação".

Ao se mudar para Brasília, Gleybis conheceu o SJMR. Ela define o apoio encontrado no serviço como "uma verdadeira presença de Deus em minha vida, e não só na minha, mas também na de outros refugiados, pois, em momentos difíceis de nossa chegada a Brasília nos ajudaram com itens básicos para começar a vida aqui. O SJMR é o rosto de Deus que se preocupa com os migrantes". Os itens básicos citados são geladeira, colchão, cama, cesta básica e cartão para alimentação.

Ámbar González Blanco, também venezuelana, tem sua história de vida marcada pelo adoecimento. Formada em Engenharia de Sistemas, abandonou 18 anos de carreira universitária em razão da saúde dela e do filho de 10 anos, que, assim como a mãe, precisou lutar contra o câncer. "Depois que chegamos ao Brasil, nós dois conseguimos estabilizar a saúde. Também trouxemos parte de nossa família que estava na Venezuela", relata Ámbar, acrescentando: "Agora, nós estamos numa família grande, 16 pessoas, e achamos que estamos muito, muito bem, muito estável aqui".

A experiência pessoal de Ámbar com os brasileiros foi de acolhimento, o qual ela agradece muito. A venezuelana reconhece o trabalho realizado pelo SJMR em Roraima e em Brasília: "um apoio de muita importância na saúde mental e estabilidade para nós". Ela e a família conheceram o SJMR há cerca de dois anos, quando precisaram de apoio com alimentação e com trâmites legais. Desde então, ela sente que a instituição "tem sido uma base para nós, como família, ficarmos estáveis. Em nossa vida como venezuelanos organizados, eles são nossa segurança, buscam apoio para que tenhamos uma voz como imigrantes". ■

Com a pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, a situação de alguns migrantes e refugiados ficou ainda mais complicada. São questões pontuadas pelo SJMR: o desemprego, o pagamento de aluguéis a dificuldade para obter o auxílio emergencial oferecido pelo governo federal, os casos de refugiados contaminados e os óbitos em decorrência da doença. Segundo Pe. Agnaldo, frente à pandemia, o cuidado com as equipes do SJMR foi reforçado. "A maior parte das pessoasestá trabalhando remotamente. Mas, devido à característica do nosso trabalho, cerca de 15% a 20% de nossos colaboradores, tomando todos os cuidados, vão a alguns espaços fazer a entrega de ajuda humanitária, como materiais de higiene e doação de cestas básicas ou cartões de alimentação para as famílias mais afetadas economicamente pela covid-19, ou porque correm mais riscos de serem contaminadas pelo vírus". Estão disponíveis telefones para atendimento emergencial e fornecimento de informação. O serviço também está auxiliando as pessoas com o cadastro para o recebimento do benefício oferecido pelo governo federal, pois muitos imigrantes não dominam o português e não sabem bem quais informações colocar no cadastro, visto que está disponível apenas em português. "Temos apoiado alguns casos para garantir o pagamento do aluguel e não serem despejados de suas casas, além de recrutar algumas migrantes para a produção de máscaras de proteção para distribuí-las entre a população migrante e refugiada", conta o diretor do SJMR.



Abaixo, você encontra links para os principais conteúdos do ACNUR sobre o tema:
• Dados sobre o refúgio: www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio

• Plataforma Empresas com Refugiados: www.empresascomrefugiados.com.br
• Plataforma de dados Venezuela R4V: https://r4v.info
• Link do relatório Global Trends: www.unhcr.org/5ee200e37/

PAPA PEDE À HUMANIDADE PARA "ESTENDER A MÃO AOS POBRES"



Na mensagem para o Dia Mundial dos Pobres, que, este ano, será em 15 de novembro, o Papa Francisco convidou a humanidade a "estender a mão aos pobres" e destacou os gestos de solidariedade durante a pandemia da covid-19. "Nestes meses, em que o mundo inteiro esteve dominado por um vírus que trouxe dor e morte, desânimo e perplexidade, quantas mãos estendidas conseguimos ver!", exaltou o Pontífice.

Para o Santo Padre, "são inseparáveis a oração a Deus e a solidariedade com os pobres e os enfermos" porque "a bênção do Senhor desce sobre nós e a oração alcança o seu objetivo, quando são acompanhadas pelo serviço dos pobres".

Francisco voltou a prestar homenagem aos profissionais de saúde, aos voluntários e aos padres que se dedicam ao combate à pandemia, colocando suas vidas em risco. O Pontífice considera que todos desafiam o contágio e o medo para dar apoio e conforto aos que mais precisam.

"A mão estendida da enfermeira e do enfermeiro que permanece, muito além dos seus horários de trabalho, a cuidar dos doentes. A mão estendida de quem trabalha na administração e providencia os meios para salvar o maior número possível de vidas. A mão estendida do farmacêutico exposto a inúmeros pedidos num arriscado contato com as pessoas. A mão estendida do sacerdote que, com o coração partido, continua a abençoar. A mão estendida do voluntário que socorre quem mora na rua e a quantos, embora possuindo um teto, não têm nada para comer. A mão estendida de homens e mulheres que trabalham para prestar serviços essenciais e segurança".

Uma generosidade que contrasta com a atitude daqueles que "não se deixam comover pela pobreza" e são indiferentes e sem generosidade. O Santo Padre aproveita essa Mensagem para denunciar os que estão sempre prontos a "deslocar somas de dinheiro" para "a riqueza de restritas oligarquias". Refere-se também ao tráfico de armas e à corrupção, chamando a atenção para a existência de uma "globalização da indiferença".

O Papa insistiu que "a generosidade que sustenta os fracos" é "uma condição para uma vida totalmente humana", embora reconheça que a Igreja não tem soluções globais a propor diante do "grito silencioso de tantas pessoas pobres", mas procura oferecer o seu testemunho e gestos de partilha.

A pandemia do novo coronavírus chegou sem avisar e "nos pegou desprevenidos", recorda Francisco, sublinhando "que este momento em que vivemos colocou em crise muitas certezas. Sentimo-nos mais pobres e mais vulneráveis porque experimentamos a sensação da limitação e a restrição da liberdade".

Para o Santo Padre, "a perda do emprego, dos afetos mais queridos e a falta das relações interpessoais habituais abriram, subitamente, horizontes que já não estávamos acostumados a observar. As nossas riquezas espirituais e materiais foram postas em questão e descobrimo-nos amedrontados. Fechados no silêncio das nossas casas, descobrimos como é importante a simplicidade e o manter os olhos fixos no essencial. Amadureceu em nós a exigência duma nova fraternidade, capaz de ajuda recíproca e estima mútua". ■

RECONHECENDO O ROSTO DE **CRISTO** NOS *Migrantes*

O Dia Mundial do Refugiado, em 20 de junho, é um chamado para sermos solidários com as pessoas forçadas a deixar seus países, suas casas, seus empregos e até suas famílias para trás, na busca por uma vida mais digna. Dados divulgados este ano pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) revelam que 79,5 milhões de pessoas estavam em situação de deslocamento forçado no mundo até final de 2019. Isso significa que 1% da população mundial está deslocada; 80% delas em países ou territórios afetados por grave insegurança alimentar e desnutrição (Relatório Tendências Globais).

ENTENDEMOS O QUE É MIGRAÇÃO?

"A migração faz parte da história da humanidade", relata o guia sobre migração produzido pelo Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), o portal MigraMundo e a organização FICAS. O documento, que conta ainda com apoio da Fundação Avina e do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), ressalta que a migração é um fenômeno social observado "desde os primórdios, em maior ou menor intensidade, enriquecendo e construindo a sociedade com novas dimensões e aspectos culturais, sociais e humanos". Os fluxos migratórios, independentemente de seus motivos, também podem ser entendidos como uma ampliação da liberdade de circulação - um direito respeitado pelas constituições de vários países.

Seja na luta por melhores condições de vida, em pedidos de refúgio em decorrência de situações de perseguição, em conflitos sociais ou econômicos, em desastres naturais, ou em casos de apatridia[1], os migrantes desempenham papel significativo de contribuição aos países de destino, porém, para isso, demandam ações de acolhida e integração. Mas questões envolvendo essa temática nem sempre são entendidas como um fenômeno social enriquecedor.

Frequentemente, presenciamos ou tomamos conhecimento de ações e discursos xenofóbicos, que desrespeitam pessoas e costumes vindos de outros países. Nesses casos, a questão migratória é encarada como um elemento de "ameaça" à cultura ou à economia de um país. "Esse enfoque distorcido e equivocado está por trás de uma série de políticas migratórias cada vez mais restritivas – tanto no Brasil como em outros países", explica o guia do IMDH, do MigraMundo e da FICAS. O documento também conta que essas ações



1. Apátrida é a nomenclatura utilizada para uma pessoa que, legalmente, não possui uma nacionalidade, uma pátria.



Voluntário Fernando Arnal à esquerda

Ele também menciona a responsabilidade ética social, política e econômica envolvida no trabalho em rede.

Entre os desafios citados pelo coordenador, destacam-se "a necessidade de avançar na mobilização e na captação de recursos para ações de longo prazo, de maneira que as obras de interface e parcerias possam apoiar-se em programas de acompanhamento a longos prazos e medir melhor os impactos no contexto local para superação das desigualdades sociais".

Umaspecto importante para a Rede do SJMR é poder contar com a colaboração de voluntários e parceiros. Como é o caso de Fabiane Kosloski, voluntária na Casa de Acolhida Dom Luciano (SP), que projeta, no SJMR, uma ponte entre os venezuelanos, o trabalho de Fé e Alegria e o voluntariado da Fundação. Ela qualifica o serviço como "fundamental para a interiorização dos migrantes venezuelanos, representa acolhimento com humanização". Fabiane relata que o trabalho de acompanhamento que desempenha fez com que ela desenvolvesse um senso de valorização maior das famílias.

Fernando Arnal também auxilia a equipe do Serviço como voluntário. Ligado à ONG Entreculturas, o espanhol tem formação em psicologia e experiência com voluntariado ao redor do mundo. Desde dezembro de 2019, ele está no escritório de Boa Vista e vê, no SJMR, "uma oportunidade de conhecer realidades difíceis e, muitas vezes, ruins, que não são vistas nas notícias". Na visão de Fernando, para os migrantes e refugiados, "o SJMR representa uma esperança, uma possibilidade de se sentir pessoa de novo". Ele conta que as experiências vivenciadas no voluntariado estão transformando sua vida e sua visão global: "Agora, sou muito mais consciente de meus privilégios e compreendo melhor o sofrimento alheio e as motivações que podem levar uma pessoa a abandonar seu país sem nenhuma garantia do que vai encontrar, com outro idioma e outra cultura, enfrentando rechaço e discriminação em muitas ocasiões". Para ele, o SJMR é um agente fundamental nesse processo de facilitar a adaptação e a integração dessa população migrante com a população de acolhida

> Discussão necessária para toda a sociedade, o racismo produz abismos sociais e consequências violentas diariamente no mundo, principalmente para a população negra. Ele também é uma forma de agressão enfrentada internacionalmente nas vivências dos migrantes. Muitas vezes, as questões próprias do refúgio se somam a esse problema e tornam urgentes os reparos históricos para que todos tenham os mesmos direitos.



AS VIVÊNCIAS DE QUEM DEIXOU SEU PAÍS

Colaborador do SJMR e também migrante, o senegalês Serigne Bamba Toure desenvolve projetos de conscientização contra o racismo no ensino fundamental e educação sobre a cultura africana senegalesa. Ele também trabalha em parceria com a organização não governamental (ONG) *África do Coração* - formada por migrantes que desejam transmitir uma nova imagem da África no Brasil, demonstrando a pluralidade dos 54 países e das inúmeras culturas presentes no continente.

Serigne manda um recado para quem sente identificação com a causa e para quem se interessa em colaborar: "ajuda é sempre bem-vinda e peço também ao povo brasileiro que tenha sempre paciência e compreensão com os migrantes porque estamos saindo de nossos países para uma nova cultura, que tem costumes, comidas e integração diferentes. Isso ajuda bastante".

A venezuelana Gleybis Yesmin Luna Zambrano declara o amor pelo seu país e conta que, devido à situação política e econômica atual do lugar, não conseguiu encontrar as condições necessárias para dar assistência à saúde de sua filha. "Precisei vir ao Brasil para tentar trabalhar e enviar dinheiro para que ela continuasse o tratamento de saúde dela", diz. Além disso, Gleybis lembra que o ex-marido, militar do governo, a

Outras atividades importante desenvolvidas pelo Serviço Jesuíta mencionadas por Pe. Agnaldo foram a interiorização de venezuelanos em parceria com a Operação Acolhida; o Projeto de Coexistência Pacífica; o Projeto Acolhe Minas; o Mulheres Caimbé; e as ocupações. É possível se informar para conhecer ou ajudar essas iniciativas por meio do site do SJMR Brasil (sjmrbrasil.org).



Projeto Mulheres Caimbé

FESTIVAL TANTOS SOMOS, SOMOS UM: PELOS SONHOS DE TODAS AS PESSOAS

Em 20 de junho, Dia Mundial do Refugiado, o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados Brasil (SJMR Brasil) promoveu o Festival TANTOS SOMOS, SOMOS UM - Pelos sonhos de todas as pessoas. Transmitido pelas páginas da instituição no Facebook e no Youtube e apresentado pelo ator Eduardo Mossri, o objetivo do evento foi sensibilizar, de maneira celebrativa e crítica, o público em geral para a causa das pessoas refugiadas.

As atrações do festival foram protagonizadas pelos próprios migrantes, refugiados e suas famílias, de diversas nacionalidades, que fizeram apresentações artísticas variadas. Diálogos e mensagens envolveram performances musicais, danças típicas, ensinamentos sobre culinária e outras questões culturais. Lideranças importantes da Igreja no mundo também marcaram presença na celebração entre os povos, como o cardeal Michael Czerny, subsecretário da Seção Migrantes e Refugiados da Santa Sé; o padre Arturo Sosa, Superior Geral dos Jesuítas; a irmã Graciela Francovig, Superiora Geral das Filhas de Jesus; dom Walmor Oliveira de Azevedo, Presidente da Conferência dos Bispos do Brasi (CNBB); dom Mário Antônio da Silva, segundo vice-presidente da CNBB); e o padre Mieczyslaw Smyda, Provincial dos Jesuítas no Brasil.

Festival TANTOS SOMOS SOMOS UM

Para assistir ao festival, acesse: https://bit.ly/2VtdKH4

O ACOLHIMENTO NO DIA A DIA DOS ESCRITÓRIOS

Capital do estado de Roraima, Boa Vista é um lugar estratégico para abrigar um escritório do SJMR. A coordenadora do local, Giulia Camporez, conta que a cidade está a 200km de Pacaraima, município brasileiro na fronteira com a Venezuela. Segundo ela, o foco do escritório está, atualmente, na população migrante e refugiada fora dos abrigos, ou seja, em situação de rua, morando em espaços cedidos ou em aluguéis. "Nosso trabalho é apoiar para que, como sujeitos de direitos, possam ter as garantias em respeito a sua dignidade, sua cultura e história e estar integrados à sociedade. Os verbos indicados pelo Papa Francisco ecoam em todas as nossas ações: acolher, proteger, promover e integrar", completa a coordenadora.

Em resposta a uma demanda social na defesa dos direitos de muitas mulheres e muitos homens vindos do Haiti, que se estabeleceram na grande Belo Horizonte, nasceu o antigo Centro Zanmi, em 2013, que, posteriormente, deu origem ao atual escritório do SJMR na capital mineira. Marcelo Lemos, coordenador do escritório, conta que a solidariedade do trabalho prestado por jesuítas, colaboradores e voluntários "se expressou fortemente em um serviço direto na promoção integral da vida, contra o racismo e a favor dos direitos de cada pessoa de migrar e de recomeçar. Essa inspiração cresceu e, sete anos depois, se consolidou um centro de referência especializado na prestação de serviços gratuitos, intervenções emergenciais e ações de integração e proteção, na defesa dos direitos de migrantes e refugiados". O coordenador informa que, em 2019, o escritório mineiro alcançou o número de 57 nacionalidades atendidas e conseguiu realizar 6.800 atendimentos. "Este e outros dados podem ser conferidos no Mapa de georreferenciamento da população refugiada e migrante residentes no estado de Minas Gerais", cita Marcelo

Para acesso ao documento, consulte: https://bit.ly/3ezAlsV.

O coordenador do escritório do SJMR-BH define a obra como "realizada a várias mãos (padres, leigos e leigas, religiosas e religiosos) que refletem uma ação social aglutinadora, animadora e sensibilizadora de processos, o que gera boa adesão local e regional para as ações de interface e parcerias".

têm consequências sérias, como tornar um ambiente propício à exploração da dignidade dos migrantes ou perigosos para que eles possam se estabelecer.

CONTEXTOS GLOBAIS E NACIONAIS

Segundo estimativas do Relatório de Migração Global 2020, divulgado em novembro de 2019 pela Organização Internacional para Migrações (OIM), o número de migrantes internacionais totaliza cerca de 272 milhões de pessoas. Na primeira edição do documento, publicada no ano 2000, os migrantes internacionais eram 150 milhões, ou seja, em quase 20 anos, esse índice teve um aumento de 122 milhões de pessoas. Segundo o mesmo relatório, os principais destinos dos migrantes internacionais são Estados Unidos, Alemanha, Arábia Saudita, Rússia e Reino Unido.

Relatório global do ACNUR revela deslocamento forçado de 1% da humanidade. Assista o vídeo: https://bit.ly/2CUcBC3

Sensível a esse cenário, a Companhia de Jesus atua em prol de pessoas migrantes, refugiados e solicitantes de refúgio no mundo desde 1980. Na época, "o então Superior Geral da Companhia de Jesus, padre Pedro Arrupe, compreendendo o desafio global dessas pessoas, criou na Cúria Geral, em Roma (Itália), a sede do Serviço Jesuíta a Refugiados (Jesuit Refugee Service – JRS).

Atualmente, esse serviço está presente em mais de 50 países, sendo denominado JRS (Serviço Jesuíta a Refugiados) ou SJM (Serviço Jesuíta a Migrantes)", ressalta Pe. Agnaldo Junior, diretor nacional do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados Brasil (SJMR).

O Serviço Jesuíta a Refugiados procura acompanhar, servir e defender a causa dos refugiados e outras pessoas deslocadas à força, para que possam curar, aprender e determinar seu próprio futuro. As prioridades do trabalho do serviço são: reconciliação, educação, meios de subsistência e *advocacy* (atuação na defesa efetiva dos direitos dos refugiados).

Acesse: https://jrs.net/



A garantia da educação ao migrante é reconhece-lo em sua dignidade

Ligada à Conferência de Provinciais na América Latina e Caribe (CPAL), a Rede Jesuíta com Migrantes (RJM) está organizada de acordo com os fluxos migratórios e as particularidades de seus próprios contextos sociopolíticos:

O Serviço Jesuíta aos Refugiados, mais conhecido por sua sigla em inglês JRS, serve a região da Colômbia, seus vizinhos (principalmente, Venezuela e Equador) e o México; enquanto nos demais países da região, está presente o Serviço Jesuíta a Migrantes – que compreende por migrantes um fluxo misto de migrantes forçados e refugiados –, estando esse último presente em três regiões: Região Caribe, Região Sudamericana, Região CANA (Centro América e Norte América).

Pe. Agnaldo Junior destaca, no trabalho realizado internacionalmente pela Companhia de Jesus, a compreensão com o caráter forçado de muitos deslocamentos, desde como consequência de temores até perseguições por causa de raça, religião, nacionalidade, pertença a algum grupo social, opinião política, ou de uma violação grave e generalizada dos direitos humanos nos países de origem dessas pessoas.

O contexto brasileiro, considerando o Relatório Anual do Observatório das Migrações Internacionais divulgado em 2019, registra 774,2 mil imigrantes no período de 2010 a 2018. Haitianos, venezuelanos e colombianos são as três principais nacionalidades que compuseram os grupos de imigrantes no País no ano de 2018. Segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública, haitianos e venezuelanos tiveram o maior número de carteiras de trabalho emitidas.

A trajetória dos jesuítas no cuidado com a questão migratória no País foi explicada, resumidamente, pelo diretor do SJMR Brasil. Em 2003, mediante uma parceria firmada entre a então Província Meridional dos Jesuítas (região sul do Brasil), o ACNUR e o Governo Federal, foi implementado o *Programa Brasileiro de*

Reassentamento Solidário de Refugiados. Quase dez anos depois, em 2012, nasceu o segundo projeto dos jesuítas nessa área, o *Pró Haiti*, com a mobilização de uma equipe em Manaus (AM) para colaborar com a Pastoral do Migrante local na recepção e assistência a imigrantes haitianos. Outra iniciativa motivada por estudantes jesuítas, religiosas da Congregação Filhas de Jesus e alguns leigos deu origem, em novembro de 2013, em Belo Horizonte (MG), ao Centro Zanmi. Finalmente, com a união desses projetos, surgiu, em 2017, a rede do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) que, no ano seguinte, inaugurou escritórios em Boa Vista (RR) e Manaus, visando ao atendimento das demandas relativas ao fluxo massivo de venezuelanos.

O ACNUR considera o fluxo de refugiados e migrantes venezuelanos como o segundo maior do mundo, sendo o primeiro lugar ocupado pelos sírios. O caráter de urgência levou o SJMR, em 2019, a expandir os cuidados e construir sua sede nacional em Brasília (DF), com o objetivo de coordenar as ações dos demais escritórios e atuar, diretamente, com os órgãos do governo e as organizações internacionais ligadas à questão

SERVIÇO JESUÍTA PARA MIGRANTES E REFUGIADOS BRASIL

Hoje, o SJMR é composto por cinco escritórios no Brasil: Porto Alegre (RS), Belo Horizonte (MG), Manaus (AM), Boa Vista (RR) e Brasília (DF). Segundo Pe. Agnaldo Júnior, as atividades são sempre guiadas pelo acompanhamento, pelo serviço e pela defesa das pessoas deslocadas à força "em busca de promover e proteger a dignidade e os direitos de migrantes e refugiados vulneráveis no Brasil, acompanhando seu processo de inclusão e autonomia, incidindo na sociedade e no poder público para que reconheçam a riqueza da diversidade humana". O diretor nacional ressalta ainda que os trabalhos se desdobram nos eixos *Proteção, Meios de vida, Integração, Incidência e Pastoral:*



Proteção

A proteção se baseia na acolhida e na escuta das pessoas que chegam, e no entendimento do que estão necessitando. Segue com o apoio à regularização migratória e demais documentos que os migrantes e refugiados necessitam para estar com sua situação migratória em dia. Acompanha também a proteção jurídica e a proteção social.

A primeira busca promover acesso à informação e suporte para a regularização migratória e a obtenção de documentos, bem como o intermédio de processos consulares. Além disso, auxilia no processo de solicitação de refúgio e autorização de residência temporária.

O segundo eixo da proteção se dá via assessoria jurídica para a regularização migratória, promovendo o ingresso e o acompanhamento de demandas judiciais e extrajudiciais nas áreas civil, criminal, consumerista, de família e trabalhista.

Quanto à proteção social, ela oferece atendimento e acompanhamento sociofamiliar e psicológico, fazendo encaminhamentos a serviços de assistência social, saúde e educação.

Também trabalha com manejo de casos, analisando as situações de vulnerabilidade para a concessão de alimentos, roupas e itens de higiene básica.



Meios de vida

O eixo de meios de vida dedica-se à inserção laboral dos migrantes, refugiados e solicitantes de asilo. Os atendidos são preparados para o mercado de trabalho por meio de cursos profissionalizantes. A assessoria e o intermédio de processos seletivos são oferecidos com a elaboração e impressão de versões em português de currículos, mantendo um banco de dados com currículos dos atendidos, procurando vagas, fazendo sessões de sensibilização de empresas, além de rodas de conversa sobre direitos trabalhistas aos migrantes, entre outras atividades. É importante ressaltar que, nesse eixo, existem atividades específicas a grupos mais vulneráveis, como mulheres, trabalhadoras do sexo, população LGBTI+, indígenas etc.



Integração

A vertente de integração aprofunda-se na questão da cultura e do idioma. Organizam-se e ofertam-se cursos de língua portuguesa e promovem-se ações de integração sociocultural aos atendidos pelo SJMR, com a finalidade de incluí-los melhor na sociedade brasileira. Cursos de orientação cultural, oficinas e workshops em que há uma troca de experiências entre migrantes e sociedade local são exemplos dessa vertente de ação da instituição.



Pastoral

Como obra de inspiração cristã e inaciana, o SJMR buscar servir as pessoas com base em uma visão integral do ser humano, cuja dimensão espiritual não pode ser negligenciada. Trata-se de uma parte importante que dá sentido às demais áreas da vida. O SJMR acompanha as pessoas migrantes, refugiadas e apátridas, independentemente de nacionalidade, cor, raça, religião, gênero ou idade.

A área do acompanhamento pastoral desenvolve-se por meio das visitas solidárias às famílias dos migrantes e refugiados, de celebrações em datas festivas, na sensibilização das comunidades e paróquias sobre a acolhida cristã aos irmãos de outras nacionalidades e diversas campanhas para integrar migrantes e população local em busca do mesmo objetivo: a coexistência pacífica e fraterna.



Incidência

A frente de incidência conduz práticas de advocacy para que as normas e políticas públicas favoráveis aos migrantes, solicitantes de refúgio e refugiados sejam mantidas e ampliadas também. Além disso, o eixo se relaciona com o fortalecimento do escritório por meio da articulação com os governos municipais, estaduais e federal, as organizações internacionais, às outras entidades da sociedade civil, a academia e a população de modo geral.

Hoje, o SJMR participa de vários grupos de trabalho com tema migratório, fóruns, comissões de combate ao trabalho escravo e ao tráfico de pessoas. Participa também da Rede Advocacy Colaborativa (RAC), em Brasília, que acompanha as pautas, no Congresso, relacionadas às áreas de migração, refúgio e combate ao tráfico de pessoas. Além de integrar a Plataforma Regional de resposta aos venezuelanos (R4V), faz parte da Red Jesuita con Migrantes de América Latina e Caribe (RJM-LAC).